

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA DIÁSPORA NO BRASIL, EM *A GUERRA  
NO BOM FIM*, DE MOACYR SCLiar**

Claudio Roberto da Silva Mineiro<sup>1</sup>

**RESUMO**

Analisa-se, aqui, o processo de representação da vida cotidiana da comunidade judaica na cidade de Porto Alegre, mais especificamente, no bairro Bom Fim, no romance *A guerra no Bom Fim*. Caracterizado como um espaço multicultural, em que a herança cultural trazida para os trópicos pelos judeus imigrantes, do leste europeu, no início do século XX está em constante negociação cultural com outras comunidades étnicas, o Bom Fim constrói-se como um pequeno país possibilitado pela diáspora e caracterizado pelo entrecruzamento de fronteiras culturais e étnicas.

**Palavras chave:** identidade cultural, diáspora, judaísmo, etnias, entre-lugar

**ABSTRACT**

We analyze here the process of representation of everyday life of the Jewish community in the city of Porto Alegre, more specifically, in the neighborhood Bom Fim, the novel *The War in Bom Fim*. Characterized as a multicultural space in which cultural heritage brought to the tropics by immigrant Jews of Eastern Europe in the early twentieth century is in constant cultural negotiation with other ethnic communities, the Good End is built like a small country made possible by diaspora and characterized by the crossing of cultural and ethnic boundaries.

**Keywords:** cultural identity, diaspora, judaism, ethnicity, in-between

A tematização do entre-lugar atravessa e sustenta a narrativa em *A guerra no Bom Fim*. O modo como o romance é construído, bem como a forma pela qual o narrador vai apresentando o ambiente e exibindo as personagens – seres dotados de características e identidades culturais diversas, que habitam num mesmo local – já remete à ideia de um terceiro espaço que ali se constrói. Este tema está tão evidente, que Scliar chega a apresentar

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura - URI - Brasil

o Bom Fim, onde acontece a maior parte das ações do romance, com dimensões e confrontações fronteiriças, marcando sua localização como se fosse uma nação, uma pequena nação imaginada, como visto no capítulo anterior. Assim, já de início, o narrador faz um pacto com o leitor e o convida para conceber este bairro como um pequeno país:

Consideremos o Bom Fim um país - um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre. Limita-se, ao norte, com as colinas dos moinhos de Vento; a oeste, com o centro da cidade; a leste, com a Colônia Africana e mais adiante Petrópolis e as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida Oswaldo Aranha (SCLIAR, 2004, p. 5).

Percebe-se, por esta descrição, que o pequeno país do Bom Fim fazia fronteira, a leste, com população de outra origem étnica. As demais fronteiras marcam indicativos da variação do poder socio-econômico. Estas proximidades geográficas e as diferenças econômicas propiciam o convívio com os negros (e com outras etnias, mencionadas no decorrer do romance), assim como um inevitável entrecruzamento de destinos e intercâmbio de posições, propiciando a negociação de espaços culturais diferentes a partir da flexibilidade das fronteiras.

Como um bom contador de histórias, Scliar inicia apresentando o Bom Fim, local que estabelece como o espaço principal no qual irá acontecer a narrativa. Em seguida, ao afirmar que era o ano de 1943, marca o tempo, um tempo de guerra. No inverno, acentuam-se a guerra e as necessidades econômicas; é também tempo de morte. A primavera e o verão são tempos de paz e amor. Através da passagem dos dias e das estações o narrador marca a passagem do tempo. Ao longo de todo o romance, descreve o cotidiano miúdo da aldeia, e onde e quando tais ações têm lugar. Inicialmente, o narrador caracteriza um típico dia no bairro, como que apresentando a crônica da vida na aldeia do Bom Fim. Inicia com a descrição de fria manhã de inverno, quando já

as ruas do Bom Fim iam se enchendo de gente – mulheres enroladas e chalés, regateando com os verdureiros e contando às vizinhas as últimas novidades: meninos de cabelos úmidos e nariz vermelho de frio, a caminho do colégio (SCLIAR, 2004, p. 7).

O país do Bom Fim era completo. Havia ruas, ruelas, lojas e mercados (embora esses últimos fossem pequenos). Pouco a pouco, emergem na narrativa as instituições e pessoas que contribuíam para suprir as urgências sociais, educacionais e religiosas: a escola para onde os meninos caminham pela manhã, a igreja católica e a sinagoga, médicos e também o cemitério. Havia também os comerciantes: o indefectível mascate judeu, juntamente com os sapateiros, barbeiros, alfaiates e tudo mais: “O sol aquecia as calçadas molhadas, os sapateiros martelavam, os alfaiates costuravam, os marceneiros manejavam o serrote, o formão, a torquês, a goiva e a pua” (SCLIAR, 2004, p. 8). Concomitantemente à descrição do espaço físico, os personagens vão sendo introduzidos. Ainda cedo da manhã, Pessl, esposa do velho Leão, ouvia o verdureiro Pedro e já botava para fora da janela sua cabeça de pássaro para negociar, sempre regateando:

- Aqui verdureiro! Pechinchava por cada pé de alface, por cada molho de salsa. O verdureiro se irritava, entregava as hortaliças, jogava as moedas na bolsa de couro que trazia a tiracolo, e subia a Fernandes Vieira, jurando nunca mais voltar. Mas no outro dia lá estava, discutindo com a freguesa (SCLIAR, 2004, p. 64).

Com humor, Scliar não se furta a caracterizar a idosa senhora de acordo com o estereótipo do judeu regateador. Divertidamente, descreve também a ansiosa mãe judaica, sempre pronta a fornecer alimento para o filho, que lhe parece fraco. De forma similar,

retrata os outros grupos étnicos – negros, poloneses e alemães – de acordo com os estereótipos pelos quais eram vistos pelas outras etnias: há os negros assustadores e agressivos, e frequentemente ébrios, as mulatas atraentes e voluptuosas, o funileiro polonês católico, sempre bêbado, que almejava picar os judeus em pedacinhos. A descrição abaixo é típica:

os grandes negros da Colônia Africana ainda dormiam, ressonando forte e cheirando cachaça. Três mulatas dormiam dilatando as narinas com volúpia. As gordas avós judias dormiam, os pálidos judeuzinhos dormiam de boca aberta e respiração ruidosa por cauda das adenóides. As mães judias dormiam seu sono leve e intranquilo. Os pais judeus dormiam; logo acordariam e iriam, bocejando, acender os fogões de lenha, tossindo e lacrimejando quando as chamas úmidas começassem a desprender fumaça (SCLIAR, 2004, p. 6-7).

Assim, a ambientação do romance configura o Bom Fim como uma comunidade multicultural. Pessoas com registros de nomes que revelam origens diferentes disputam ou usufruem de um mesmo espaço. Durante as madrugadas de inverno,

a cerração subia da Várzea e invadia o Bom Fim. As pombas passeavam no leito da rua, bicando grãos caídos entre as pedras. Passava a carrocinha do leiteiro João, passava a carroça do padeiro Shime (SCLIAR, 2004, p. 6).

A apresentação de pessoas com um nome brasileiro e de outras com um nome judeu (que recordam figuras da comunidade e da literatura ídiche) no mesmo lugar, e que se relacionam, inclusive com atividades profissionais semelhantes, é a primeira indicação da multiculturalidade naquele espaço. Desta forma, o bairro se caracteriza como um entre-lugar, pois, assinalados pelas suas fronteiras (ou pelo esvaziamento delas), há um país dentro do outro, e o Bom Fim oscila em ser ou não ser uma aldeia judaica.

Naturalmente, um espaço privilegiado é reservado à descrição dos habitantes judeus. Numa identificação com a memória étnica, crianças são associadas a figuras bíblicas memoráveis na história do povo judeu. Embora o narrador não mencione explicitamente, Joel possui as mesmas características físicas do Rei Davi: baixo, ruivo e sardento. Esse foi um rei popular do antigo Israel, considerado um dos patriarcas da nação. Tais características, aliadas a uma inerente capacidade de liderança, faziam com que Joel, no Bom Fim, se sentisse também como um rei (SCLIAR, 2004, p. 20). Outra associação está na ação da meiga Raquel, que se fantasia de Rainha de Sabá, e dança imaginando ardentemente a face do trigueiro Rei Salomão (SCLIAR, 2004, p. 22).

Entre os habitantes mais idosos, havia judeus que tinham recordações comuns da pátria de além-mar, e lembravam-se dos fatos ocorridos em sua jornada errante, do folclore judaico e das narrativas da Diáspora. Ali, ao entardecer, sob uma luz mágica e dourada, as famílias se reuniam e contavam

uma história da Rússia, outra história da Rússia. A voz do vendedor de pinhões ia se extinguindo; só o abafado trovejar do bonde J. Abott e o longínquo latido do cão ‘Melâmpio’ quebravam o silêncio. Os vizinhos se despediam, voltavam para suas casas caminhando encurvados na cerração (SCLIAR, 2004, p. 9-10).

Pessl colocava os netos no colo e narrava-lhes incríveis fatos da Rússia; “falava também de tempos em que os homens seriam como irmãos, tempos de paz e felicidade; os meninos ouviam-na e adormeciam sorrindo” (SCLIAR, 2004, p. 63-64). A recuperação das sagas de várias gerações judias está estampada logo nas primeiras páginas desse romance, quando é traçada a origem de Samuel e Leão, respectivamente, pai e avó de Joel, o personagem principal da história. Como tantos outros imigrantes,

Samuel também era da Rússia. Pequeno ainda, viera com sua família para o Brasil. Como muitos outros judeus, que estavam cansados da miséria, da neve e dos *pogroms* da Rússia czarista [...] Leão, pai de Samuel, ganhou uma gleba na colônia de Filipson e lá construiu uma casa. Não foram felizes aqueles pioneiros. Leão era alfaiate; sabia manejar agulha e linha, não a enxada. Ia derrubar uma árvore – a árvore caía em cima dele. Botava fogo no mato - e quase queimava a própria casa. Nada dava certo. Os gafanhotos devoraram a primeira colheita, sua mulher foi picada por cobra, o filho mais velho teve apendicite e morreu (SCLIAR, 2004, p. 10-12).

Na descrição da transição do judeu da colônia (Filipson) para o Bom Fim, a passagem que envolve a égua Maliciosa, linda e sensual, dá também lugar a uma referência típica ao gaúcho da estância. O capataz, incumbido de matar a égua por ser tentadora aos desejos carnis dos peões, preferiu vendê-la para o fazendeiro Soares de Castro. Este também entrega-se aos encantos e à sensualidade da égua que, silenciosamente, o abandona mais tarde e se abriga na estrebaria do velho Leão:

No outro dia o colono descobre-a. Cheio de alegria chama a família, rodeiam a égua que repousa sobre a palha. E um traz água, e outra capim fresco, e outro lava-a. É a primeira dádiva que recebem; o velho leão chora e agradece ao todo poderoso. Batiza-a de ‘Malke Tube’ e atrela-a na carroça. A égua resiste; seus olhos brilham de fúria, pateia a quem se aproxima. Finalmente o velho leão Perde a paciência e dá-lhe de relho. ‘Malke Tube’ entrega-se. Seis meses depois a família deixa Filipson e viaja para Porto Alegre. (SCLIAR, 2004, p. 13-14).

Os judeus consumiam comidas *iídiche*: *latkes* (panquecas de batata ralada tradicionalmente servidas nas festas judaicas de chanucá); *borschat* (sopa de beterrabas ou repolho, servida fria ou quente, às vezes com creme de leite azedo); *kneidlech* (bolas de farinha bem temperadas), o *guefilte fish* (peixe recheado e servido com molho de raízes fortes) e a *matzot* (assadas durante os 30 dias que antecedem *Pessach*). Estes dois últimos pratos eram servidos na festa da Páscoa. Cedo de manhã, cultivam o hábito de tomar chimarrão, juntamente com os outros moradores do Bom Fim:

A água fervia na chaleira de ferro esmaltado. Samuel e seus vizinhos tomavam chimarrão. Isaac tomava o chimarrão chupando balas de mel; Samuel ria, dizendo que para um gaúcho de verdade o mate devia ser amargo. Obe, o ‘Torto’, acreditava no chimarrão como diurético, Samuel usava-o como laxante. Passavam a cuia de mão em mão e sugavam o infuso quente pela mesma bomba - sem medo, porque o Dr. Finkelstein afirmava que o calor mata os micróbios (SCLIAR, 2004, p. 7).

Além do chimarrão, outra comida tipicamente gaúcha passou a figurar na mesa judaica: o churrasco, comida sem dispensar o chá servido no samovar, lembrança dos hábitos trazidos da Rússia. A culinária judaica, misturada e intercambiada aos pratos da culinária gaúcha, é mais um contraste que revela o Bom Fim como um entre-lugar na representação ficcional de Scliar. Essas marcas, contribuem para a constituição do Bom Fim como um país de nascente não unitária, como atestado pelos diferentes usos e costumes. Também remetem à imagem dos “judeus de bombachas”. A expressão, cunhada por Jacques Schweidson, descreve como os judeus, ao poucos, se adaptam à nova terra, adotando hábitos híbridos, numa mistura da herança cultural gaúcha e judaica (SCLIAR, 1990, p. 26).

Uma vez que os habitantes do Bom Fim não estão reclusos a um gueto, mas desfrutam de plena cidadania, o trânsito para além dos limites do bairro propicia campo para ainda outras negociações culturais. Um exemplo disso é o ir e vir de Samuel, acompanhado

de Malke Tube, o presente de Deus que, brochada à charrete, o auxiliava no mascatear. Assim penetrava nos “poros da sociedade”, para além dos limites do Bom Fim (SCLAIR, 2004, p. 14). Tamanho era o esvaziamento de fronteiras e o livre trânsito de Samuel entre elas que, ao sair vender tecidos, era convidado, pelas famílias de seus fregueses, para batizados e casamentos.

O trajeto diário de Joel ao colégio Iídiche provê outro exemplo desse cruzamento de fronteiras. Todas as manhãs, o mesmo passa pela rua Fernandes Vieira, por um terreno baldio e pelo palacete azul, até chegar à esquina da Avenida Oswaldo Aranha, onde ficava a olhar uma vitrine em que estavam os ex-votos, de cabeças brancas de cera, mãos e pés, seios harmoniosamente modelados. Esses ex-votos estavam ali expostos como reconhecimento por graças e bençãos alcançadas, caracterizando ações tipicamente oriundas de crenças e devoções brasileiras.

Já no Colégio Iídiche, o menino estava, mais uma vez, em território judeu. As crianças formavam fila sempre ao som do Hino do Colégio que, além de valorizar o saber, ensinava a amar a suas venturas, etc. De uniforme azul e branco, meninos e meninas sorriam e se integravam irmanados por um mesmo sentimento de pertencimento. O mesmo entrosamento e união não ocorriam com Marcos, cujo pai achando que o Colégio Iídiche deixava a desejar, e o matricula numa escola que não pertencia à comunidade judaica, na qual o menino é alvo de resistências e intolerâncias. Sofre em sala de aula, recebendo críticas por ser judeu. Como o único judeu na sala de aula, é chamado a responder pelos atos de seus compatriotas, que o professor denuncia como os articuladores da Companhia das Índias Ocidentais, que em muito prejudicou o Brasil (SCLAIR, 2004, p. 17). Frente a esses choques culturais, visado por todos os colegas de sala, Marcos cede, suicidando-se ao tomar veneno para barata no Parque da Redenção. Quando voltava para casa,

Ele atirou a pasta no lago e deitou-se na grama, fitando o olho escarninho do sol poente. Uma espécie de secura apertou-lhe a garganta, desceu-lhe pelos braços e pernas que ficaram escuros e secos como patas de barata. E barata ele virou, uma barata grande que voava sobre o Bom Fim e olhava, divertida, o velório na Rua Felipe Camarão (SCLAIR, 2004, p. 18).

A passagem faz uma associação direta à *Metamorfose*, de Franz Kafka, remetendo à transformação de Gregor Samsa em gigantesco inseto. Num comentário meta-textual, orientando o leitor quanto ao intertexto, pois há especulação de que Kafka

tenha passado despercebido no Colégio Iídiche e, se não fumava, não colecionava figurinhas do Brocoió e não ia ao Cinema Baltimore nos domingos – quem saberia de sua existência? Talvez ele mesmo assim o desejasse. Estava-se em guerra e os pais dele falavam alemão. Essas coisas eram altamente suspeitas, então (SCLAIR, 2004, p. 19).

O texto é, também, um comentário irônico à questão da pertença: mesmo entre frequentadores da mesma comunidade, aqueles que não cultivam os mesmos hábitos e não falam a mesma língua são ignorados. Além disso, há o registro às discriminações ocasionadas pela ambiência da Segunda Guerra Mundial, e o medo dos alemães. Quem sabe, como sugere o romance, as crianças judias, ao meio dia quando voltavam do colégio, brincavam e jogavam com as figurinhas de Carlitos e Brocoió, (brincadeiras e colecionáveis brasileiros), junto com Kafka, num cruzamento de saberes e culturas? Por outro lado, a alusão a um escritor judeu, e a incorporação de textos kafkianos ao romance, estabelece um elo entre a literatura produzida no Brasil por Scliar e a literatura judaica mundial. Semelhante efeito tem a menção a Chagall quando da descrição do doente e franzino

Nathan, que em sua fraqueza parece ao irmão voar, como os seres pintados pelo artista russo:

Nesse bairro, nesse pequeno país, a esta luz, Chagall teria visto os violinistas em lento vôo sobre os telhados; eram quatro; três, quem seriam? O quarto era Nathan, filho de Samuel e Shendl e irmão de Joel; Nathan, que teve uma hemoptise tocando ‘A idische Mane’ e caiu morto sobre a estante. (SCLIAR, 2004, p. 8).

Surge, assim, no mundo de sonhos e idealizações infantil, o lirismo contido nas pinturas de Chagall, que expressam a nostalgia de um mundo que não existe mais e o desejo de um espaço onde todos possam partilhar o mesmo sentimento de pertença. Ao trazer as obras de Marc Chagall (1887-1985), para o seu romance, Scliar, de modo imagético, trava um diálogo com a obra desse pintor e desenhista, nascido num *shtetl* chamado Vitebsk, na atual Bielorrússia. Como Scliar, Chagall inspira-se nos sonhos e mitos do povo errante e, ao retratar sua aldeia, alcança dimensões universais. Mesclam-se, assim, histórias individuais com a memória coletiva judaica. As imagens flutuantes (o Nathan, de Scliar, e o Violonista de Chagal), ao aparecerem voando pelo *shtetl*, demonstram o desejo de libertação, ao mesmo tempo em que retratam o aconchego e o abrigo dos indivíduos nas comunidades judaicas.

Talvez nenhum outro episódio ilustre mais completamente a diversidade cultural que ocorre no Bom Fim do que as passagens que envolvem o “negrão Macumba”, cujo apelido, segundo Cornelsen, já é “a mescla de culturas, a misturar realidades do espaço ‘brasileiro’ e do ‘país do Bom Fim’” (2004, p. 170). É em meio à celebração da festa da *Pessach* que ele aparece nos fundos da casa de Joel. De acordo com o momento da celebração, é percebido inicialmente como comparável à figura ameaçadora de Faraó, opressor dos judeus:

Era enorme e tinha um serrote na mão pareceu a Shendl tão ameaçador quanto o Faraó o era para os judeus no Egito. Macumba. Diante do mar, insensível aos flagelos: gafanhotos e rãs que pulavam sobre ele, úlceras que se abriam em seu corpo, sangue que corria de uma ferida em sua cabeça.

- Vai embora, malvado! - gritava Shendl enfurecida. - Sai daqui assassino! Tuas mãos estão sujas de sangue de judeus! (SCLIAR, 2004, p. 29-30).

Indiferente aos apelos e as pragas proferidas por Shendl, Macumba atravessa o quintal e segue em direção a ela, interrogando ingênua e gentilmente se havia lenha para serrar. Shendl entende que projetara uma idéia errônea sobre as intenções do negro; ela compreende a necessidade dele, e logo deixa-o serrar “muita lenha por um pouco de pão”. A figura do negro é aceita pela família de Joel, e mostra não ser sanguinário, cruel ou devorador de judeus, “ao contrário, era inimigo dos nazistas e amigo do Rei Joel, a quem tornou sábio como Salomão pelo ensino de segredos valiosos” (SCLIAR, 2004, p. 30-31).

A negociação cultural se dá de tal maneira entre o microcosmo do pequeno país do Bom Fim e o macrocosmo do Brasil, que até mesmo atinge dimensões religiosas, justapondo a celebração da *shabat* e os trabalhos de despacho. Macumba torna-se amigo dos judeus e conseqüentemente “inimigo dos nazistas”. Fazia despachos para os alemães perderem a guerra e cada vez se entrosava mais com os judeus. Essas negociações entre negros e judeus se ampliam mais ainda quando Nathan e Macumba, no fundo do quintal, comem juntos alguns dos alimentos da culinária iídiche, inclusive os servidos na *Pessach*. Em troca, Macumba dá a Nathan arroz, feijão e pirão de farinha de mandioca, e este os come vorazmente. Nathan doa alimento em tal quantidade que o negro leva a sobra para seus filhos. (SCLIAR, 2004, p. 31). Ao levar à colônia africana alimentos da celebração dos judeus, a influência da cultura judaica passa a abranger toda a família de Macumba.

Macumba cultiva amizade não apenas com a família de Joel, mas também dialoga com outra família judia: a família de Dona Lente, mãe de Rosa, de Massa Fina, de Rute e de Raquel, que era gêmea de Jacob. Recebe dinheiro de Dona Lente para trazer gatos que seriam dissecados por Jacob, que, como futuro aluno da Faculdade de Medicina, necessitava praticar anatomia. Mais tarde, segundo testemunho do Dr. Finkelstein, Jacob seria um excelente cirurgião (SCLIAR, 2004, p.46).

A amizade e conhecimento mútuo proporcionada pela aproximação entre Macumba e as família do Bom Fim provocou grande esvaziamento do preconceito cultural entre negros e judeus. O negro, antes desprezado e até mesmo considerado como “malvado” e “assassino”, passou a fazer parte da vida familiar dos judeus, e se introduzia junto à turma do Bom Fim, com cigarros *Baliza* e *Colomy*. Sua morte foi muito sentida por Nathan, que sondava “ansioso o horizonte, na esperança de avistar o negro” (SCLIAR, 2004, p. 32).

A descrição de Madalena a partir do viés da sempre sabida sensualidade da mulata marca mais uma das ocasiões em que Scliar assimila, ironicamente, o estereótipo corrente. Descreve a personagem como alguém que deseja se deitar com todos, sempre caminhando pelo Bom Fim a fazer convites provocantes: “e daí, meus judeuzinhos? Querem me comer?” (Scliar, 2004, p. 57).

Neste romance, Scliar faz um esforço para desfazer a visão monolítica do estereótipo ao tornar equiparáveis judeus e negros, pois tanto as alegrias como as frustrações da pobre mulata Madalena e de Shendl, esposa de Samuel, são as mesmas. A mulher judia queixa-se aos filhos que ela e seu esposo gastam muito para criá-los e que têm despesas com as doenças (principalmente de Joel que tinha vermes); a família veste-se mal e que (em outros tempos) tiveram fome. Sem nenhum divertimento, Shendl passa dia e noite cozinhando, lavando e cuidando das roupas dos filhos e do marido. Também a mulata Madalena não tem uma vida de regalias e riquezas. Só consegue viver melhor quando se casa com Elias, que é empreendedor, e chega a ser dono de uma grande rede de lojas. Assim, Scliar revela uma grande equivalência dos destinos tanto dos judeus como dos negros, determinados pela condição de pobreza de ambos.

Marcas de intercâmbios culturais sempre pairam no Bom Fim. O casamento do terrível Elias com uma *gói* é uma clara marca destes rompimentos e a revelação de um entre-lugar, pois “não só tinha casado com uma *gói*, como ainda a trouxera para morar com a mãe, cobrindo a velha de vergonha” (SCLIAR, 2004, p. 56). A discriminação e conflito de identidades, além daqueles revelados pelo polonês que deseja picar os judeus e dos meninos negros malvados que anunciavam “fazer churrasco de judeuzinho”, também está explicitado em outras situações; a ambiência da Segunda Guerra Mundial, à sombra da qual o romance se desenvolve, faz com que o conflito entre alemães e judeus ganhe relevo no romance.

Há uma tentativa de exclusão e isolamento dos judeus por parte dos alemães, como no episódio em que um alemão bêbado entra no Serafim, o Palácio do Fedor, bar em que a comunidade se reunia para falar da guerra da Europa, dos combates, combatentes e combatidos. O alemão não somente se compraz com o extermínio dos judeus, como convida um jovem judeu a se retirar do bar:

Um dia entra no Serafim um estranho. Um alemão louco e bêbado. Chega gritando:

- Hitler vai fazer churrasco dos judeus. É o fim desta raça triste! Todo mundo fica parado, nunca expectativa tensa. Ely continua a jogar calmamente. Só se ouve o ruído seco das bolas de marfim. O alemão aproxima-se do rapaz:

- Ora, veja só quem está jogando no meio dos homens. Cai fora fedelho! Volta para os cueiros, judeuzinho! (SCLIAR, 2004, p. 58).

Nesta passagem, ao anunciar o holocausto, nota-se um “agauchamento” do holocausto. Em vez dos fornos, como na Europa, aponta-se para um extermínio seguindo a

tradição do lugar: o churrasco. Os rompimentos e os intercruzamentos de culturas não se dão apenas com os judeus. Ralf, único alemão que sobreviveria à batalha de Capão da Canoa, casa-se com Maria, que junto com as irmãs Marieta e Madalena formava o trio de mulatas sensuais. Nessa família materializa-se mais um conflito étnico: o crime macabro dos filhos do alemão Ralf Schmidt, que matam e fazem churrasco do judeu Samuel, num novo agaçamento do holocausto, que já não é, porém, apenas anunciado ou sugerido, mas consumado:

Gotas de gordura caem crepitando sobre as brasas.

- Quero comer! – berra Maria.

Vai até a churrasqueira cambaleando, corta um pedaço de carne, morde-o com vontade.

- Ui! Está quente! Olha o marido e os filhos:

- Porque estão parados aí, seus molengas? Vamos sentar e comer! Não é todo dia que tem churrasco aqui [...].

Meus parabéns, Alemão. - Aponta para a carne. - É de ovelha? (SCLIAR, 2004, p. 113-114).

O conflito entre judeus e alemães assume contornos menos sombrios na disputa entre Dudi e Frida. Aos domingos, Joel e sua turma iam assistir ao programa de auditório do Adroaldo Guerra ou do Piratini, onde se apresentavam cantores, músicos, gaiteiros e imitadores, que divertiam muito os meninos judeus. Mas esta alegria termina quando a família alemã passa a ir aos programas. Frida, filha do casal alemão, sobe no palco para competir com Dudi, o mais inteligente da turma de Joel. E “tudo que Dudi sabia sobre Freud, Frida conhecia a respeito de Nietzsche. Dudi não errava nada sobre Mendelsohn, Frida acertava tudo sobre Wagner, Scholem Aleichem e os Niebelungem, Soutine e matemática superior” (SCLIAR, 2004, p. 40).

Neste episódio, existem, pelo menos, dois aspectos curiosos. O primeiro é que pelo próprio questionamento feito por Adroaldo Guerra a Dudi e Frida, está a imagem do embate entre judeu e alemão. Não se confirma, porém, a superioridade de qualquer dessas etnias: ao contrário, há evidência do conhecimento intelectual de ambos os competidores. O segundo, quando há o anúncio de que a competição fora empatada e Dudi é forçado a dar o prêmio (uma caixa de finos bombons) a Frida. O narrador associa a imagem de Frida à de Mata Hari, pois alguém viu a menina alemã enviar um beijo furtivo para Dudi, na intenção de seduzi-lo.

Aos intercâmbios culturais narrados no decorrer do romance, junta-se, mais ao fim da narrativa, a aproximação de uma negra à família de Shendl. Após sua internação em um hospital psiquiátrico, Joel e Samuel empregam em sua casa uma mulata para lhe servir: “uma mulher vinha da antiga Colônia Africana e fazia comida para eles, resmungando. Comiam em silêncio e sem apetite. A mulher lavava os pratos, arrumava um pouco a casa e se ia” (SCLIAR, 2004, p.101).

Nesse episódio acontece mais um encontro de etnias, e existe a marcação do estado depauperado da família de Joel, que agora tem que ser servida por uma negra, que não lhes dá a mínima atenção. Mas a essa altura, Joel já era homem e se deitava com mulatas *goim*, que lhe davam muita alegria. Contudo, se por um lado Joel se entregava aos deleites com mulheres não judias, por outro, o primo de Samuel, que chegara da Europa, sobrevivendo dos campos de concentração, ainda evitava os alemães:

Caminhado por sua rua descobriu que a farinha era entregue à padaria num caminhão *Mercedes Benz* e que o supermercado tinha uma frota de *Kombis*. O dono da mercearia andava numa perua DKV cuja máquina, segundo afirmativa, era a origem alemã. A comida lhe repugnava e ele só se alimentava de ovos (SCLIAR, 2004, p. 103).



O derradeiro exemplo de multiculturalidade no romance está no encontro de Joel com a loirinha Mali, filha do dono original de Maliciosa, a “Mulke Tube”. No carnaval, festa tipicamente brasileira, ele dança e se diverte com músicas, como o samba, que não fazem parte de sua tradição cultural. Mais ainda: era um judeu que, além de valorizar o ídiche, também tinha vontade de tomar chimarrão. Todos os episódios, como relacionados anteriormente, enfatizam a transposição cultural dos costumes e tradições dos judeus da Europa Oriental para o Bom Fim e confirmam a ideia de entre-lugar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de analisar a representação da identidade judaica e as relações multiculturais no romance *A guerra no Bom Fim* pressupõe considerações sobre identidade cultural e diferença, a natureza do judaísmo, o conceito de entre-lugar e a definição de nação como uma comunidade imaginada assentada na memória. Esta análise procurou acompanhar os eixos a partir dos quais se estrutura a narrativa de *A guerra no Bom Fim*. Percebeu-se que o aspecto espaço-temporal está intimamente interligado na narrativa, mas optou-se pela separação entre cada um desses eixos, uma vez que a passagem do tempo provê o pano de fundo para a narrativa das ações e a consequente apresentação dos personagens.

Muito embora os judeus procurassem viver somente em comunidade entre eles isso não era possível. A variedade étnica da população do Bom Fim e adjacências (ou “fronteiras”) possibilita e evidencia os numerosos exemplos de diferentes práticas culturais e construções identitárias nesse romance. Todas as movimentações sociais, econômicas e culturais do Bom Fim envolvem, ou melhor, influenciam a constituição de identidade, e esta influência tanto pode ser para reafirmar a identidade como para fazer surgir novas posições identitárias. A confluência de identidades culturais diversas num mesmo lugar provoca uma desestabilização identitária, uma crise de identidade. Há clara separação entre “nós” e “eles”, ou “eu” e o “outro”, sempre implicando em ações excludentes e/ou includentes.

O descentramento do sujeito caracteriza a identidade como algo não essencialista, e que pode surgir e se modificar a cada interpelação. Essas articulações estão nítidas no Bom Fim, onde se congregam pessoas vindas de vários lugares. Como nem todos os grupos étnicos abraçam os mesmos valores, notam-se práticas discriminatórias, ancoradas em relações de poder. A concepção de identidade como algo móvel tem características positivas, pois ao mesmo tempo que desarticula as identidades do passado, abre possibilidades de novas articulações. Esse intercâmbio, revelado pelas interações dos personagens judeus com o não judeu confirmam a ideia de identidade como sendo algo não fixo. Desta forma, ao escrever sobre suas raízes, sua origem e sua aldeia, Scliar alcança o universal, sem que haja com isso uma oposição entre o regional e universal, pelo contrário, ambos se implicam mutuamente.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCLAIR, Moacyr. *A Guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

\_\_\_\_\_. *Entre Moises e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.